



TRUMP 2.0

“O sonho americano é imparável”

Em seu primeiro discurso no Congresso após o retorno à Casa Branca, presidente dos EUA exalta as medidas para redução da máquina pública, promete o fim da “tirania da diversidade” e afirma que vai acabar com a guerra na Ucrânia

Após um hiato de cinco anos, o presidente Donald Trump retornou, ontem, ao Congresso dos Estados Unidos para o primeiro discurso de seu retorno à Casa Branca, que, após seis semanas, remodelou a política interna e externa. “A América está de volta”, foram suas primeiras palavras. “Conseguimos mais em 43 dias do que a maioria dos presidentes acumula em quatro ou oito anos”, disse. “E estamos apenas começando. O sonho americano é imparável e nosso país está em uma volta sem precedentes”, acrescentou.

Trump falou por quase uma hora e 40 minutos. Ele afirmou que assinará uma lei para impor pena de morte a quem assassinar policiais. Também prometeu impor sanções a clínicas e instituições que realizarem cirurgias de redesignação de gênero em crianças. Na política externa, após um embate cara a cara com Volodymyr Zelensky, adotou um tom mais conciliador em relação à Ucrânia, prometendo que vai acabar com o conflito entre a ex-república soviética e a Rússia.

O presidente chegou para a sessão conjunta com o Senado e a Câmara, ambos dominados pelo Partido Republicano, com 15 minutos de atraso. Sorridente, o republicano foi longamente aplaudido, e distribuiu beijos e apertos de mão até chegar à tribuna. Com provocações aos democratas, que viaíram e ergueram cartazes contestando algumas de suas falas, fez um extenso balanço do início de governo. Trump começou falando das conquistas dos republicanos nas eleições do ano passado, ovacionado pelos correligionários. Em seguida, abordou a aprovação dos norte-americanos ao início de seu mandato. Democratas reagiram, foi pedido ordem no plenário. O presidente da Câmara, o republicano Mike Johnson, determinou a retirada do democrata Al Green, representante do Texas.

Após citar as centenas de decretos e ações adotadas desde seu retorno à Casa Branca — “As pessoas me elegeram para fazer esse trabalho e é isso que estou fazendo” —, Trump exaltou as medidas contra imigração ilegal. “As travessias ilegais no mês passado foram as mais baixas registradas. Eles (imigrantes) ouviram minhas palavras e decidiram não vir. Mais fácil assim”, assinalou. “O que precisávamos era de um novo presidente”, disse, classificando o antecessor, Joe Biden, como o pior da história.

Trump enfatizou seu compromisso em retomar o crescimento do país. “Todos os dias meu governo vem lutando para fazer a mudança que América precisa.” Exaltou a proibição de contratações, de suspensão de auxílios escassos e de saída de organizações. “Eu impedi aquela horrível lei verde. Saí do Acordo de Paris que estava nos custando muito dinheiro”, citou. “Também saí do mundo corrupto da Organização Mundial da Saúde. E do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas.”

Em seguida, abordou as ações para o fim da “censura” e para restaurar a “liberdade de expressão” no país. “Acabamos com a tirania chamada diversidade, equidade e inclusão. Nosso país não será mais engajado, de esquerda”, frisou, para então falar sobre a decisão de instituir dois gêneros — masculino e feminino — e banir atletas trans de esportes femininos. “O que acabo de discutir é apenas uma fração da revolução do bom senso. Nunca mais voltaremos atrás.”

Os esforços para reduzir a administração pública ganharam ênfase especial. Nesse momento, elogiou o trabalho do bilionário Elon Musk à frente do Departamento de Eficiência Governamental (Doge). “Obrigada, Elon, você está trabalhando muito. Ele não precisava disso”, enfatizou.

Conseguimos mais em 43 dias do que a maioria dos presidentes acumula em quatro ou oito anos”

Donald Trump,
presidente dos Estados Unidos



O democrata Al Green, representante do Texas na Câmara, contesta a fala do republicano e acaba expulso do plenário

Zelensky propõe roteiro para a paz

Cada vez mais acuado por Donald Trump, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse, ontem, que quer “consertar as coisas” com o chefe da Casa Branca. No dia seguinte à suspensão da ajuda militar norte-americana, Zelensky afirmou que deseja trabalhar, sob “a forte liderança” do republicano, para conseguir uma paz duradoura com a Rússia. Ele propôs “uma trégua no céu” e “no mar” como condição prévia para as conversas de pacificação.

Zelensky garantiu ainda que está pronto para firmar o acordo sobre o acesso dos EUA aos recursos minerais de seu país e agradeceu todo o apoio recebido dos norte-americanos desde o início do conflito, que completou três anos. Em meio aos acenos, pediu informações oficiais sobre a interrupção do auxílio norte-americano e ressaltou que os dois países “merecem um diálogo respeitoso e uma posição clara”. O ucraniano lamentou o bate-boca entre ele e Trump, semana passada, que culminou com a expulsão dele da Casa Branca. “Minha equipe e eu estamos

dispostos a trabalhar sob a forte liderança do presidente Trump para conseguir uma paz duradoura”, postou Zelensky na rede social X. “As primeiras etapas poderiam ser a libertação de prisioneiros e uma trégua no céu, [com] proibição de mísseis, drones de longo alcance, bombas contra infraestruturas”, elencou. O ucraniano também propôs a “uma trégua no mar imediatamente, se a Rússia fizer o mesmo”.

A pausa na ajuda militar a Kiev foi divulgada, na noite de segunda-feira, por interlocutores da Casa Branca. De acordo com um alto funcionário do governo, após o desentendimento no Salão Oval, “paramos e reconsideramos nossa assistência para garantir que ela contribua para a busca de uma solução para o conflito”.

A medida, tomada após uma série de reuniões de alto nível do governo dos EUA, foi também uma resposta a declarações de Zelensky de que o fim da guerra estaria “muito longe”. “É o pior que Zelensky poderia dizer e os Estados Unidos não vão tolerar mais isso

por muito tempo”, reagiu Trump, sinalizando uma retaliação.

“Parceiro importante”

O premiê ucraniano, Denis Shmigal, também aenou à Casa Branca. “A Ucrânia está absolutamente determinada a continuar sua cooperação com os Estados Unidos (...) um parceiro importante”, disse, em uma coletiva de imprensa. Por sua vez, Mykhailo Podoliak, assessor da presidência ucraniana, disse que Kiev estava discutindo opções de defesa com aliados europeus.

Os Estados Unidos têm sido o maior doador financeiro e militar da Ucrânia desde o início da invasão russa. Em 24 de fevereiro de 2022. A partir dali, Washington, sob o comando do então presidente Joe Biden, forneceu inúmeros equipamentos potentes e modernos, incluindo sistemas antiaéreos Patriot, para permitir que a Ucrânia se protegesse do bombardeio russo.

De acordo com o Departamento de Estado, Washington forneceu US\$ 65,9 bilhões (em

torno de R\$ 385 bilhões) em ajuda militar à Ucrânia desde a invasão. Mas nas poucas semanas após a volta de Trump ao poder, a posição dos EUA em relação à guerra se inverteu completamente, inclusive com o início de uma aproximação com a Rússia.

Líderes europeus reforçaram que estão fechados com Kiev. Em Londres, o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, destacou que continua “concentrado em alcançar a paz” na Ucrânia e não será “distraindo” pelo anúncio da suspensão da ajuda. “Resaltando que qualquer paz deve ser duradoura e segura, o primeiro-ministro disse que ninguém quer mais a paz do que a Ucrânia”, disse o premiê, por intermédio de um porta-voz.

Na França, o ministro de Assuntos Europeus, Benjamin Haddad, disse que a decisão de Trump “afasta a paz porque só fortalecerá a mão do agressor no terreno, que é a Rússia”. Por sua vez, o Kremlin saudou a suspensão como uma “melhor contribuição” para a paz.

SAÚDE DO PAPA

Esforço para evitar novas recaídas

Após duas crises respiratórias agudas, o papa Francisco, hospitalizado há 20 dias por uma pneumonia bilateral, teve um dia tranquilo, ontem, com muito descanso e sem novas intercorrências. Segundo o boletim médico divulgado pelo Vaticano, a ventilação mecânica não invasiva foi trocada para uma cânula nasal de alto fluxo, um suporte, considerada mais eficiente. À noite, o papa usou novamente máscara para dormir.

“As condições clínicas do Santo Padre durante o dia de hoje se mantiveram estáveis”, informou o comunicado da Santa Sé, acrescentando que o prognóstico

segue sendo “reservado”. Desde que foi internado no Hospital Gemelli de Roma, em 14 de fevereiro, o quadro clínico do líder espiritual de 1,4 bilhão de católicos no mundo tem apresentado altos e baixos.

A última recaída foi anteontem. Após dois dias em condição “estável”, Jorge Bergoglio sofreu dois episódios de insuficiência respiratória aguda. De acordo com o Vaticano, o papa não teve febre, permaneceu consciente o tempo todo, rezou e recebeu a eucaristia, como vem ocorrendo durante toda a hospitalização — a mais longa desde que assumiu o pontificado, há 12 anos.

A preocupação com a evolução da saúde do papa é grande. “Com 88 anos, passar 15 dias no hospital e ter episódios repetidos de desconforto respiratório é um péssimo sinal”, observou Bruno Crestani, diretor do departamento de pneumologia do Hospital Bichat, em Paris.

Para Hervé Pegliasso, diretor de pneumologia do Hospital Europeu de Marselha, no sudeste da França, isso causa “um fenômeno de exaustão porque ele tem que fazer um esforço maior para respirar”. A crise respiratória mais grave ocorreu em 22 de fevereiro, quando ele também precisou de uma transfusão de sangue.

Vigília

Fora do Hospital Gemelli, os fiéis continuam sua peregrinação aos pés da estátua de João Paulo II, onde rezam e acendem velas pela recuperação de Francisco. Ali se reuniu, ontem, um grupo de argentinos, liderado pelo embaixador na Santa Sé, Luis Pablo María Beltramino.

“O presidente Javier Milei (da Argentina) mandou um enviado especial aqui apenas para rezar e estar próximo à Santa Sé neste momento, pela pronta recuperação do Santo Padre”, disse Beltramino.



Fiel deposita flores na entrada do Hospital Gemelli de Roma